

BREVE COMENTÁRIO DO XII ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS EM FLORIANÓPOLIS - SANTA CATARINA

Anselmo Alfredo

Se o frio de Florianópolis marcou de modo inconfundível este XII ENG (*Outros 500 na Formação do Território Brasileiro*), inclusive para os catarinenses, não se pode negar que, como contrapeso, uma certa disposição para o debate ajudou a esquentar o clima dos geógrafos. Foi esta vontade de discutir os diversos temas abordados pelas apresentações que motivou a Geografia Brasileira ao longo de toda semana de 16 a 23 de julho de 2000 no gélido sul do país. Neste sentido, se como nos diz Guy Debord, a "Sociedade do Espetáculo" coloca os agentes na condição de passivos diante de um mundo que passa a ser representado, a semana geográfica nacional, dentro do possível, suspendeu a representação do mundo como abstração que se concretiza. Fez ela o seu próprio caminho. As apresentações de maior monta que poderiam espetacularizar o conhecimento - como as mesas redondas, por exemplo, viram-se obrigadas a debater com questões que permitiam a construção do conhecimento *in locu*. Nada estava definido *a priori*.

Esta foi, talvez, uma boa colheita pela manutenção dos Espaços de Diálogos no lugar das antigas "apresentações livres". Torna-se inevitável que no turno da manhã os trabalhos passem por um processo de discussão que envolve argumentos tanto a favor quanto contra as perspectivas abordadas nos diferentes estudos apresentados. Este estímulo matinal talvez tenha repercutido ao longo de todos os dias no encontro. Isto não quer dizer, evidentemente, que tudo ocor-

reu sem problemas. O aconchegante, porém pequeno, espaço da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) pequeno, é bem verdade, para um dos maiores encontros científicos brasileiros exigiu da organização uma adaptação que em certos casos não foi benéfica ao Encontro como um todo. Os Espaços de Diálogos (EDs), por exemplo, proposta extremamente pertinente para um encontro cuja duração se estende por uma semana, viram-se obrigados a acolher um número de apresentações bastante grande; além disso, houveram aqueles EDs que tiveram temáticas díspares, o que em ambos os casos dificultou uma troca maior entre os pesquisadores. Se os EDs são uma proposta pertinente ao debate, é fundamental que as temáticas sejam bem selecionadas e que não haja, em nenhum deles, sobrecarga de trabalhos a serem apresentados. Estes EDs só têm sentido dentro de uma condição que permita a realização de seu objetivo: o diálogo.

Devemos recordar também que na chegada do primeiro dia do Encontro duas enormes filas se formaram, onde cada participante deveria enfrentar as duas caso quisesse estar inscrito no encontro - o que acabou por tomar o dia todo. Ao final do encontro novas filas se formavam para retirada dos certificados e para refazer aqueles certificados cujo nome do participante aparecia errado. Neste último caso, voltava-se à espera de algumas horas (de três a quatro horas). É que para realizar a reimpressão de centenas de certi-

ficados o Encontro dispunha de apenas uma impressora. Neste sentido, esta experiência deve ser levada em consideração para que o próximo seja ainda melhor. Afinal, após longa viagem ou após um encontro ao longo de toda uma semana, tudo o que se espera é não enfrentar fila nenhuma, quanto mais duas...

É oportuno lembrar, também, que durante a tarde houveram várias mesas concomitantes e com temáticas diferenciadas, o que contribuiu grandemente para que os participantes estivessem em apresentações de seu interesse sem pena

daquilo que não estavam assistindo. O Encontro, enfim, conseguiu contemplar esta diversidade temática que é típica da própria pesquisa.

O XII Encontro Nacional de Geógrafos, enfim, contribuiu para reforçar a importância do encontro científico não apenas na difusão do conhecimento, mas contribuiu para estimular a continuidade do desenvolvimento da pesquisa científica no Brasil, em evidente contraposição a um momento em que tal pesquisa passa por um processo de restrição de possibilidades. Esta conquista nos é inalienável.

